

**Projeto de Pesquisa:** “Revivendo o Império Persa: nacionalismo, modernização e discurso histórico em Mohammad Reza Pahlavi”

**Autor:** Felipe Ramos de Carvalho Pinto **Vínculo institucional:** Unifesp (mestrando em História)

**cel:** 97382-1237 **e-mail:** felipe.frcp@gmail.com

**Orientadora:** Samira Adel Osman

Bernard Lewis introduziu seu livro *O Oriente Médio do advento do cristianismo aos dias de hoje* descrevendo uma cena que se tornara comum no Oriente Médio: homens trajados à maneira ocidental em casas de chá ou cafés, sentados à mesa e ouvindo rádio, assistindo televisão, jogando um jogo de tabuleiro ou lendo um jornal enquanto fumavam ou saboreavam uma bebida. A partir desta cena corriqueira, Lewis descreveu o que considerava as mudanças mais notáveis ocorridas na região desde o século XVIII, resultado da expansão do poderio ocidental: a mudança nas roupas, nas formas de lazer e de consumo, a influência nas artes, a introdução da fotografia, o desenvolvimento da imprensa e dos meios de comunicação em massa, e o consequente impacto nas consciências orientais. “Nós queremos usar roupas civilizadas” teria dito Atatürk. “Mas o que significa isso? E por que deveriam as roupas de civilizações muito mais antigas serem consideradas incivilizadas?”, perguntou Lewis. “Para ele, civilização significava civilização moderna, isto é, ocidental”, respondeu o autor, tomando essa postura como epítome da atitude modernizante médio-oriental (LEWIS, 1996:20).

A postura de Lewis foi considerada por Edward W. Said como parte de um fenômeno que chamou de "orientalismo", ao qual, entre outras definições, deu o significado de um "sistema de ficções ideológicas" usado para legitimar e embasar a colonização europeia sobre a Ásia e a África desde o final do século XIX, e que no século XX passava por uma nova fase com os Estados Unidos envolvidos. Para Said, "o orientalista agora tenta ver o Oriente como um Ocidente de imitação que, segundo Bernard Lewis, só pode melhorar quando o seu nacionalismo 'estiver preparado para chegar a um acordo com o Ocidente'" (SAID, 2007: 428).

A sugestão – sem se atentar para as diferenças políticas, culturais e regionais – de que a aceitação do Ocidente como "civilizado" e como um modelo a ser seguido sem restrições seria padrão em todo o Oriente deixa entrever a visão de Lewis de um Oriente "eterno, uniforme e incapaz de definir a si mesmo" (SAID, 2007: 401). Por outro lado, a equalização de "civilização moderna" com "ocidental" dá ao Ocidente "legitimidade e autoridade a ideias sobre modernização, progresso e cultura". (SAID, 2007: 432).

Ainda assim, palavras como "modernidade", "democracia", e "liberalismo" fazem parte do vocabulário corrente de diversos movimentos em todo o Oriente Médio e o impacto político, econômico e cultural do Ocidente é muito grande para ser ignorado, praticamente obrigando algum

tipo de reação local. Entretanto, o que os próprios "orientais" consideram "moderno"? Como reagem a essa "modernidade"? Se, para autores como Lewis "modernizar-se" é antes de tudo "ocidentalizar-se", como os orientais reagem à necessidade de reestruturar suas identidades de modo a acolher/rejeitar o elemento externo? Quais são os principais elementos definidores dessas identidades? Como passam a olhar para o próprio presente, passado e futuro? O que é "ocidentalizar-se" diante de um Ocidente que lhes lembra constantemente que serão sempre "orientais"?

Apesar de ser uma categoria corrente e carregada de conotações ideológicas e por vezes identitárias, "Oriente" (bem como "Ocidente") é em si mesmo uma entidade construída (SAID, 2007:429) e não reflete necessariamente a percepção que os habitantes locais têm de si mesmo. Este projeto é uma tentativa de mostrar que, longe de serem homogêneas, as respostas às perguntas acima foram muito diversas e devem ser analisadas de acordo com os diferentes contextos em que se deram, objetivo que só pode ser alcançado a partir da análise de fontes produzidas pelos próprios "orientais" e por meio de recortes geográficos e temporais bem delimitados.

Nossa escolha incide sobre o Irã na era Pahlavi, particularmente no período compreendido entre 1960 e 1967. O recorte é dado pelas datas de publicação fontes sobre as quais desenvolveremos a pesquisa: dois livros publicados por Mohammad Reza Pahlavi no Ocidente, *Mission for my country* (1960) e *The White Revolution of Iran* (1967). Os livros são um misto de autobiografia com uma forma de propaganda, alardeando seus projetos de desenvolvimentos econômicos, políticos, culturais e sociais, amparados por uma narrativa da história do Irã da antiguidade aos seus dias, com atenção para a fundação da dinastia por seu pai, Reza Khan, e para os conflitos com Mohammad Mossadegh.

A opção pelo Irã sob o regime de Mohammad Reza Pahlavi se deve, por um lado, à escassez da bibliografia produzida a respeito do país no Brasil. Ainda que, de uma maneira geral, o campo de estudos sobre o Oriente Médio seja incipiente no Brasil, contamos com um conjunto considerável de obras sobretudo a partir de perspectivas árabes e do Islã. Em relação à historiografia brasileira sobre especificamente sobre o Irã, levantamos apenas os trabalhos de Meihy (2010) e Coggiola (2008). Por outro lado, mesmo no exterior a historiografia a respeito do Irã preocupou-se sobretudo com a agitação revolucionária no último quarto do século XX e com as movimentações e inquietações que a precederam, deixando de lado o estudo das elites governantes.<sup>1</sup>

O Irã passava por um processo de modernização e centralização do poder desde a fundação da dinastia por Reza Khan na década de 1920, que pôs em marcha mudanças econômicas aceleradas e a reestruturação das antigas relações sociais. Nas décadas de 1960 e 1970, enquanto a população rural das províncias centrais perdia sua insularidade tradicional e forjava laços com as cidades e o

---

1A esse respeito, ver discussão entre CHEHABI (1998) e SCHAYEGH (2008)

governo central, nas províncias periféricas pessoas que se viam como membros de comunidades locais agora desenvolviam identidades étnicas baseadas em suas respectivas línguas e culturas (ABRAHAMIAN, 1982:428). A observação de Hourani a respeito dos povos árabes (HOURANI, 1994: 588), de que a velocidade das transformações alijaram a população de seus referenciais tradicionais de vizinhança e parentesco, neste ponto, também podem ser aplicadas ao caso do Irã sob os Pahlavi.

Dentro desse processo, é notável o impacto ocidental, ao qual se deve o próprio reinado de Mohammad Reza Pahlavi. O xá fora colocado no poder em plena Segunda Guerra Mundial em 1941, quando seu pai, simpatizante notório da Alemanha nazista, fora destronado por invasores russos e ingleses para assegurar o petróleo e as ferrovias iranianas para o transporte de armas e mantimentos para os esforços de guerra na Rússia (ZAHAR, 1991: 30-31). Em 1953, novamente, com auxílio israelense, britânico e estadunidense, Pahlavi destituiu o então primeiro ministro, Mossaddegh, e instalou as bases de um regime militar que desarticulou a oposição interna e promoveu uma política de controle sobre a *intelligentsia* e as classes urbanas ao mesmo tempo em que tentava evitar políticas contrárias aos interesses das classes tradicionais (ABRAHAMIAN, 1982:419-426).

O reinado de Mohammad Reza Pahlavi fora marcado por uma série de reformas, que tinham como mote a reforma agrária, a nacionalização de florestas e pastagens, a venda de ações de fábricas estatais, a participação nos lucros na indústria, a reforma da lei eleitoral, a criação dos "Exércitos" "do Saber " da Higiene", "do Desenvolvimento e da Reconstrução" e das "Casas da Equidade", assunto que abordou no seu livro de 1967, *The White Revolution of Iran*..

Muitas dessas reformas não apenas foram acompanhadas de perto pelos Estados Unidos, como houve participação direta do país. De acordo com Zahar, no processo de secularização da educação, 59 universidades estadunidenses participaram do processo de modernização e assessoramento das escolas e universidades iranianas. Quanto à modernização das técnicas agrícolas, empresas estadunidenses também desempenharam um papel fundamental, o que teria provocado ressentimento da população. A influência estrangeira seria o principal ponto das reformas atacados por Khomeini e pelo clero iraniano, acima de tudo seu vínculo com Israel e os Estados Unidos e seu rompimento com Nasser, (ZAHAR, 1991: 34-35).

Mohammad Reza Pahlavi não apenas exaltava o aclamado "modo de vida ocidental", como também construía sua legitimidade de acordo com critérios ocidentais, amparado por potências ocidentais e essas influências, notáveis no âmbito interno, foram exploradas mais do que todos os aspectos pelos seus adversários internos, sobretudo nos anos revolucionários. O fato de o xá ter estudado na Europa, enviado por seu pai, que também modelara o seu reinado anterior tendo como referente o Ocidente, desempenhou aqui algum papel.

Por outro lado, tendo sido colocado no poder em dois golpes, era notável a dependência política e econômica de Pahlavi e seu regime em relação ao Ocidente. Sofrendo contestações desde os primeiros anos de seu reinado, e de maneira crescente no desenrolar da década de 1960, era principalmente no exterior que encontraria suas bases de apoio, dado o *red scare* entre potências ocidentais e a necessidade de assegurar suas fontes de petróleo.

À primeira vista, o Xá, dava as boas vindas e exaltava a "ocidentalização", referindo-se a ela em seu livro de 1960 como "Westernization: our Welcome Ordeal" (PAHLAVI, 1968:132). Mas será isso conformar-se ao quadro proposto por Lewis, no qual o Oriente Médio se dividiria numa batalha “entre os que odeiam e temem o poder sedutor e, em suas opiniões, destrutivo do estilo ocidental de vida, e os que o consideram como um novo avanço e uma nova oportunidade em um intercâmbio permanente e frutífero de culturas e civilizações”? (LEWIS, 1996: 29).

O campo discursivo do regime sugere que a resposta para a questão não é tão simples. Uma das principais marcas da era Mohammad Reza Pahlavi, dos seus primórdios até seu fim, foi a ênfase num discurso nacionalista que exaltava a ideia de "Império" (*Shahanshahi*), a instituição monárquica como o núcleo em torno do qual a nação teria sido mantida coesa por dois milênios e meio, e a figura do monarca como o principal agente histórico e guia em direção ao progresso da civilização. Da década de 1960 em diante, o monarca promoveu dispendiosas celebrações, como sua própria coroação como Shahanshah ("Rei dos Reis" antigo título do imperador aquemênida) em 1967, a comemoração dos 2500 anos do Império Persa em 1971, a construção de monumentos que aludiam ao passado e a alteração do marco inicial para a contagem dos anos para o início da dinastia Aquemênida, entre uma profusão de outras.

A historiografia sobre o regime Pahlavi, de uma maneira geral, tratou esses eventos como meras expressões de extravagâncias e de erros políticos, ou, na expressão de Talin Der-Grigorian, uma "construção fantástica" derivada de uma "visão romântica" de um jovem xá educado na Europa. A apropriação da história antiga, assim, se resumiria a caprichos juvenis de um xá que "queria ser conhecido como herdeiro do trono de Ciro, Xerxes e Dario, e simultaneamente restaurar glórias passadas por meio do advento da Grande Civilização" (DER-GRIGORIAN, 1998:82).

A pesquisa que aqui se desenrola, entretanto, parte, apoiado em Chartier (1991) e Baczko (1985), de uma corrente que pensa o simbólico integrado ao social. A atividade de “imaginar”, ou de “representar”, longe de ser um mero capricho individual, se baseia num fenômeno coletivo, implicado nas relações sociais de identidade, de compreensão, de comunicação e, sobretudo, de poder. Na expressão de Chartier, a representação é uma "máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta."(CHARTIER, 1991:183-186). Ao mesmo tempo, segundo Hobsbawm, os últimos duzentos anos foram períodos férteis de invenção de tradições e de

tentativas de ligação histórica de instituições e regimes a passados imemoriais na Europa e, embora possam ser encontradas no decorrer de toda a história, elas ocorrem com mais frequência quando uma rápida transformação de uma determinada sociedade enfraquece ou destrói os arranjos sociais para os quais as velhas tradições haviam sido projetadas, ou quando tais velhas tradições e seus veículos tradicionais e promulgadores não se mostram mais adaptáveis ou flexíveis ou são eliminados (HOBSBAWM & RANGER, 2000:4).

Assim, é bastante improvável que a imaginação de Mohammad Reza Pahlavi seja um fenômeno individual, decorrente única e exclusivamente de seus próprios anseios e alimentados por sua experiência individual na Europa. O mais provável é que a versão de história nacional promovida por Mohammad Reza Pahlavi seja apenas uma dentre uma profusão de identidades e projetos em tensão constante, que se escancararia na última década do regime. Parte da política de reorganização da sociedade havia passado a consistir na criação de novas identidades, e o imaginário a respeito do passado tornou-se um campo de conflito. O problema era particularmente sensível ao se tratar de uma tentativa de reestruturar a sociedade iraniana de acordo com modelos estrangeiros, norteados por valores e princípios diferentes dos tradicionais. A saída encontrada foi, portanto, apropriá-los, associá-los a referências preexistentes nas tradições locais, o que significava fundamentalmente situá-los no passado e implicava um esforço em recriar narrativas históricas nacionais.

Por fim, seu discurso sobre o passado - dado que seus livros foram escritos tendo como público-alvo o Ocidente e as celebrações mencionadas tiveram uma extensa lista de convidados de todo o globo - deve ser visto como uma tentativa de legitimar seu regime também no exterior. A história recente do Irã era de resistência às pretensões expansionistas de diversos impérios vizinhos, e, se a dependência externa do governo de Mohammad Reza Pahlavi era um fato, isso não se daria sem negociações no plano simbólico, e nem mesmo passava por um reconhecimento dos valores e instituições ocidentais como “ocidentais”. Se o Império Persa era um continuum de dois mil e quinhentos anos, era um império muito mais velho do que o romano, cuja herança os ocidentais reivindicavam, e, ao passo que este se havia fragmentado, os persas continuariam coesos. Por outro lado, o discurso sobre Ciro, o Grande, era de que ele fora responsável pela “primeira declaração dos direitos humanos”, e o império que fundou era um marco fundador porque supostamente inaugurava uma era de humanismo e justiça e de valores democráticos que se tornaram centrais na retórica oficial do regime. Certamente, o Xá se apropriava das noções de “democracia”, de “liberalismo”, de “progresso”, entre outras. Entretanto, ao fazê-lo, tratava de situá-las no âmbito da cultura iraniana e da tradição nacional persa, conforme a concebia, e representando-as como anteriores à sua “descoberta” pelo Ocidente.

## Fontes

PAHLAVI, Mohammed Reza Shah. *Mission for my Country*. Reimpressão. Londres: Hutchinson & Co, 1968

\_\_\_\_\_. *The White Revolution*. Teerã: The Imperial Pahlavi Library, 1967

## Referências

ABRAHAMIAN, Ervand. *Iran between Two Revolutions*. Princeton: Princeton University Press, 1982

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. In: *Estudos Avançados*. vol.5 no.11 São Paulo jan./abr. 1991.

CHEHABI, H. E. “the Pahlavi Period”. In *Iranian Studies*, vol. 31, nº 3/4, Verão-Inverno, 1998, pp. 495-502

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DER-GRIGORIAN, Talin. *Mohammad-Reza Shah Revivalism, nationalism and monumental architecture of Tehran (1951-1979)*. 1998. 250 f. Dissertação (mestrado em Arquitetura) - University of Southern California, Los Angeles: 1998

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

HOURANI, Albert. *Uma História dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MEIHY, Murilo. *As mil e uma noites mal dormidas: a formação da República Islâmica do Irã*. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2010

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SCHAYEGH, Cyrus. “Recent Trends in the Historiography of Iran under the Pahlavi Dynasty”, 1921-1979. *History Compass* 6/6, S. 1., 2008, pp. 1400-1406

ZAHAR, Léon Rodrigues. *La revolución Islámica-clerical de Irán, 1978-1989*. México: Colegio de México, 1991